

Por Micheline Verunschik

Quando no filme *Diários de Motocicleta* (2005) o personagem Ernesto Guevara se lança ao Rio Amazonas em direção ao leprosário de San Pablo, o diretor Walter Salles dialoga com um dos simbolismos mais caros à humanidade: as águas do rio como elemento transformador do indivíduo, atuando na passagem entre dois estágios da vida - um que representa o passado, o qual se deixou para trás, e outro que entre o agora e o amanhã se apresenta como devir.

Mais que um espaço geográfico, o rio existe como um complexo de imagens mobilizadoras nos planos histórico, cultural, espiritual e, como não poderia deixar de ser, psicológico. Por sua natureza móvel, por seu curso inexorável, pelo motor que trabalha entre a água e a terra que se deposita no leito, o rio se configura como espelho da humanidade, oscilando entre a devoção sagrada, o aproveitamento utilitário e a representação artística.

De modo que o rio é, talvez, uma das mais antigas simbologias que existem. Um simbolismo não nasce do nada. Ele surge porque está ligado ao uso prático da vida, às necessidades de subsistência. Os rios servem ao homem utilitariamente e este os transforma simbolicamente ao juntar o que nos cursos d'água há de fecundante e de fluidez e ao construir para si imagens de vida e de morte.

História em comum

Na Antiguidade muitos rios foram objeto de culto, fossem eles reais ou míticos. Sua importância era tamanha que até nomeou nações, como é o caso da Mesopotâmia, que significa, literalmente, entre dois rios. Localizada entre o Tibre e o Eufrates, a Mesopotâmia existiu econômica e socialmente em função do ciclo dos rios, assim como o Egito entrou para a história pela frase célebre do historiador grego Heródoto, que o qualificou como "uma dádiva do Nilo".

Na Grécia não se atravessava um rio sem antes executar um ritual de louvor e purificação, talvez por temor e respeito a Caronte, o barqueiro que se encarregava da travessia das almas após a morte. Depois de chegar ao Inferno, o passageiro era julgado por seus atos. Caso fosse condenado teria de enfrentar um dos quatro rios das regiões infernais: Aquéronte, cujo flagelo era a dor; Cocito, as lamentações; Flegetonte, cujas águas provocavam queimaduras; e, por fim, o mais conhecido deles, Lete, o rio do esquecimento. De caráter ambíguo, este mesmo rio também preparava para a vida as almas que iriam renascer. Se na cultura grega as imagens dos rios do Inferno são tão fortes, são tão ou mais vigorosas as imagens dos rios do Paraíso, que vertem leite e mel, na cultura judaico-cristã.

Aliás, é de morte e renascimento que tratam os episódios de Jesus e seu batismo por João Batista no Rio Jordão; e de Osíris, o deus assassinado dos egípcios, que vaga pelo Nilo numa barca funerária. Nos dois casos o rio exerce aquele mesmo poder de transformação de que se falava anteriormente e opera na vida e na morte com a mesma intensidade, de forma que uma e outra se confundam ou, antes, misturem suas águas, partilhando uma da natureza da outra. Assim, o batismo não deixa de ser uma morte para um mundo anterior, e a morte uma preparação para uma nova existência. De certo modo, convergem para a mesma experiência o Guevara de Walter Salles, Jesus e Osíris.

Damas das águas, iaras e santas

A morte no rio tem um apelo estético imediato, certo. A imagem de alguém que se joga nas águas profundas já foi explorada ao extremo nas artes. O personagem Ofélia, de Shakespeare, é um exemplo clássico dessa entrega desmedida às águas. Para o filósofo Gaston Bachelard, no livro *A Água e os Sonhos* (Martins Fontes, 2002), Ofélia é a representação do devaneio no meio aquático e ela mesma se torna um ser do rio, uma dama das águas - ou o rio é que se transforma, fluido, na cabeleira derramada da moça. Esse caráter de languidez faz do rio de Ofélia um rio de águas quase paradas, misto de encantamento e passividade, um rio morto como o personagem, despido do caráter erótico e pulsante que, em geral, se associa às águas correntes.

Uma contrapartida de Ofélia pode ser encontrada na mitologia mexicana. Uma das lendas mais populares do país é *La Llorona* (A chorona), uma mulher que após ser abandonada pelo marido lança seus dois filhos pequenos e a si mesma na correnteza de um rio. Sua alma sobe aos céus mas é impedida de entrar sem que antes resgate as almas dos filhos. Ela retorna e vaga, até hoje, nessa busca pelas margens

solitárias do cair da tarde. Por isso, crianças nunca devem estar desacompanhadas à beira dos rios, pois *La Llorona* pode confundir-las com os filhos perdidos e arrastá-las para o fundo das águas.

A presença do feminino nas águas é constante na mitologia de vários países, especialmente nas culturas celta e gaulesa. Não por acaso, grande parte dos rios europeus possui nomes derivados de substantivos femininos, como é o caso do Sena, que corta Paris. Sena, *la Seine* em francês, vem de Sequana, deusa gaulesa protetora desse rio e para quem eram trazidas oferendas, desde frutas e pães até dinheiro. Ex-votos de membros, cabeças e até de corpos completos eram oferecidos a essa divindade de grande poder curativo e regenerativo. Não raras vezes os rios receberam também sua cota de sacrifícios humanos.

A natureza feminina dos rios é corroborada pela psicanalista junguiana Clarissa Pinkola Estés. Autora do livro *Mulheres que Correm com os Lobos* (Rocco, 1994), ela afirma que nas regiões hispânicas do sudoeste norte-americano o rio é a Grande Dama que, no intercuro sexual com o solo, acaba por fecundar e fecundar-se. Na acepção dessas culturas, o rio nunca poderia ser uma imagem masculina posto que é uma das representações da Grande Deusa, de seios fartos e ancas largas, venerada desde tempos pré-históricos.

Para a estudiosa e psicoterapeuta Lucy Coelho Penna, autora de *Pauaxipuna* (no prelo) e *Dance e Recrie o Mundo* (Summus, 1993), o arquétipo da Senhora das Águas é marcante na nossa cultura mestiça. Ele articula três grandes manifestações que, juntas, compõem uma imagem de devoção do brasileiro ao culto das águas: Nossa Senhora de Aparecida, padroeira do Brasil; Nossa Senhora de Nazaré, padroeira do Pará; e Iemanjá, deusa iorubá que é sincretizada tanto com a Maria cristã como com a Yara, deusa indígena que governa as águas doces (que também se corresponde com Oxum, outra senhora iorubá a governar o meio líquido).

Para a autora, a força simbólica dessas entidades está na base da identidade nacional e, de certo modo, se alinha com os grupos étnicos formadores da, por assim dizer, cara do nosso povo. De outro modo, como explicar a sede e o amor do brasileiro pela Senhora das Águas? Afeto que, infelizmente, não se traduz em preservação ambiental dos mananciais hídricos, conforme ressalta a autora.

O rio corrente da literatura

Praticamente todos os autores escreveram sobre o rio. Basta lembrar de *O Barco Bêbado*, de Arthur Rimbaud; *Finnegans Wake*, de James Joyce; *A Terceira Margem do Rio*, de João Guimarães Rosa, para citar alguns exemplos. Sem falar na aproximação de duas culturas, a espanhola e a brasileira, que João Cabral de Melo Neto faz por meio dos rios Guadalquivir e Capibaribe, no poema *A Entrevistada Disse, na Entrevista*. Ele mesmo, João Cabral, foi um autor de rios por excelência. Num de seus muitos poemas nessa temática, constrói uma das imagens mais belas e perturbadoras da poesia: "Aquele rio/era como um cão sem plumas".

Finnegans Wake, a obra-prima, indecifrável para alguns, do escritor irlandês James Joyce, principia com uma evocação ao rio, riverum, que o poeta Augusto de Campos traduz como *riocorrente*. No capítulo oitavo uma enchente caudalosa de cerca de 700 nomes de rios invade as páginas e sob essa força criadora espantosa o autor apresenta uma infinidade de novas palavras. Capitaneado pelo Rio Liffey, de Dublin, essa passagem da literatura universal é uma experiência profunda de transcendência, genialidade e técnica.

O caráter de portal para outra realidade que o rio carrega simbolicamente está muito bem orquestrado em *A Terceira Margem do Rio*, de João Guimarães Rosa. No conto, um pai constrói para si uma canoa e abandona a família para viver navegando rio abaixo, rio acima. A família, perplexa com a atitude do patriarca, entre idas-e-vindas, raiva e decepção, acaba por tomar um rumo, com exceção do filho, que contempla essa escolha e com ela dialoga por anos a fio, navegando, ele mesmo, na presença/ausência do pai, numa reconstituição da história pessoal de ambos, que passa pelos afluentes da memória.

O rio de Rosa, como todos os rios, confluem para o rio corrente que trazemos sob a pele. O rio, como o sangue, circula em nós, nos é vital. Talvez por se configurar como uma imagem especular de nós mesmos e de nossa busca pelo absoluto, ele exerça tanto fascínio e reverência, ou como bem traduz a poeta americana Emily Dickinson: "Meu rio corre até ti:/Mar azul, aceitas-me?/Meu rio espera resposta./Ó mar, vê se me gostas. Eu te trarei regatos/de escondidos regaços -/Dize, mar, vais-me levar?".

Micheline Verunschik é historiadora e escritora. Autora de *Geografia Íntima do Deserto* (Landy, 2003).